



SENTIDOS E SIGNIFICADOS DA ARTE, CULTURA E PEDAGOGIA – CAMINHADAS POÉTICAS

ART, CULTURE AND PEDAGOGY SENSES AND MEANINGS – POETICAL WALKS

Veronica Devens Costa¹

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Mirian Celeste Martins²

Universidade Presbiteriana Mackenzie

RESUMO

A pesquisa aqui apresentada é parte de um doutorado que reflete acerca das expedições culturais como prática pedagógica em Cursos de Pedagogia, nas disciplinas de Arte. O foco aqui são visitas a espaços culturais e caminhadas poéticas pela cidade com futuros pedagogos em uma universidade particular em Vitória/ES. Reflete sobre a relação entre arte e cultura provocando o/a estudante a dar sentido e significado aos diversos tipos de bens e manifestações culturais. Considera que a prática de promover expedições culturais contribui significativamente o ensino aprendizagem interdisciplinar do graduando, oportunizando a ampliação do conhecimento da diversidade cultural existente no seu contexto e a esperada inserção em suas práticas futuras nas séries iniciais.

Palavras-chave: Formação de professores. Ensino da arte. Pedagogia. Cultura. Arte.

ABSTRACT

The research presented here is part of a PhD degree about cultural expeditions as pedagogical practice inside Pedagogy courses, in the art subjects. Here we focus at culture spaces visits and poetical walks along the city with future pedagogues in a particular university in Vitória-

¹Doutoranda no Programa de Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Mackenzie. Mestre em Linguagens visuais pela Universidade Federal do Espírito Santo, Graduada em Educação Artística. Integrante do Grupo de Pesquisa Arte da Pedagogia/GPAP. Representante estadual da Federação de Arte Educadores do Brasil – FAEB. Docente na educação básica e no ensino superior. Lattes ID: <https://lattes.cnpq.br/7566957748954440>, Vitória/ES. Brasil.

²Docente do Programa de Pós-graduação em Educação, Arte e História da Cultura e do Curso de Pedagogia na Universidade Presbiteriana Mackenzie, coordena os Grupos de Pesquisa: Arte na Pedagogia e Mediação cultural: contaminações e provocações estéticas. Membro do Conselho Mundial para América Latina da International Society of Education through Art. Graduada em Artes Visuais e doutora pela Faculdade de Educação. <http://lattes.cnpq.br/7167254305943668>, SãoPaulo. Brasil.



ES. Considers about the art and culture relationship instigating the student to give meaning and significance to the multiple types of goods and cultural expressions. Considers that the practice of promoting cultural expeditions significantly contributes to the multi disciplinary teaching-learning of the graduating student, giving the opportunity of expansion of its knowledge about the cultural diversity of its context and the expected insertion of its future practices in beginner classes.

KEYWORDS: *Teacher training; Art teaching; Pedagogy; Culture; Art.*

Ponto de partida

Andarilhamos pela cidade com o objetivo de conhecer nosso lugar, nosso patrimônio, nossas imagens, nossa identidade cultural? Os escritos que Francesco Careri (2017), traz em seu livro *Caminhar e Parar* nos provoca a pensar nas muitas caminhadas que fazemos enquanto apresentamos as cidades aos nossos/as estudantes.

Enquanto caminhamos atentos e sensíveis podemos perceber e, principalmente, descobrir detalhes, imagens, construções, espaços que, anteriormente passavam despercebidos. Caminhar pelas cidades com o olhar direcionado para essas e muitas outras informações educa nosso olhar para as sutilezas, os contrastes e faz refletir nossa identidade cultural

Caminhar pela cidade pode ser uma prática comum se olharmos pela ótica cotidiana que nos faz andarilhos com o horário contado para as muitas demandas que existem. Quando nos propomos a observar, fazemos uma outra conexão com os espaços, com os sons, com as imagens, com as cores.

Apoiada na fala de Benjamin (1993), para quem “não poder orientar-se em uma cidade não significa grande coisa. Mas perder-se em uma cidade como quem se perde em uma floresta requer toda uma educação”, percebemos o quanto é fundamental ser propositora de uma ação que contribui para que os/as estudantes venham a conhecer a grande colcha de retalhos que é o lugar em que vivemos. Lugar esse que tem várias raízes – e que cada uma nos leva a conhecer, nos reconhecer e por muitas vezes aproximar de nossa identidade.



Nas nossas práticas em sala de aula os sentidos estão voltados para a percepção. Os corpos estão postos em suas cadeiras, muitas vezes imóveis. O exercício é de ouvir, ver e em alguns casos, falar, se posicionar, criticar, interagir. Todavia, precisamos reconhecer que o ensino da arte nos convida para vivências que extrapolam o exercício da sala de aula, ou que vão além dos muros da escola.

Sabemos que os percursos que fazemos nas cidades, nos provoca para novas interpretações do que era conhecido, pois “conhecer é, portanto, fazer, criar uma realidade de si e do mundo”, confirmam Passos e Barros (2020, p.30). Esse outro olhar nos incentiva para uma aprendizagem significativa nos motivando a desenvolver práticas que estimulem a percepção sensível, as descobertas, as análises críticas da realidade com o que encanta e o que causa estranhamento. Assim, aqui apresentamos algumas visitas realizadas com futuros pedagogos de uma universidade particular buscando refletir sobre seus fundamentos teóricos e metodológicos.

A pedagogia que caminha

Provocada por essas questões, refletimos sobre as práticas docentes que promovem expedições com os/as estudantes do curso de Pedagogia. O nosso objetivo é aproximá-los/las desses espaços e articular com as práticas do ensino da arte na escola. Pudemos observar a existência de uma lacuna entre os temas curriculares, pois não abordam questões culturais, tão importantes para a formação do professor.

“El lugar antropológico representa una construcción concreta y simbólica del espacio, éste es simultáneamente principio de sentido para quienes habita el lugar, y principio de inteligibilidad para quien observa. El lugar antropológico es de escala variable y tiene por lo menos tres caracteres comunes a cada lugar antropológico: identidad, relacional e histórico.” (FRACASSO, 2016, p.167)

Entendemos que a referência que Fracasso (2016) faz ao “lugar antropológico” nos remete a uma construção concreta, histórica, bem como traz também sentidos e significados históricos e culturais que remontam um determinado local. Esse lugar antropológico representa aqueles que ali vivem, assim como se transforma em objeto de apreciação, conhecimento e estudo daqueles que o visitam, possibilitando

aprofundar as questões de identidade, a compreensão histórica e as relações entre sujeitos, territórios e suas memórias e atuações.

Paulo Freire (1981, p.9) em seu texto *A Importância do ato de ler* quando nos diz que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” nos remete à sala de aula e às interpretações que os/as estudantes fazem. Enquanto professora de arte da educação básica, posso constatar que as narrativas feitas pelos/as estudantes que vivenciam a realidade possuem “uma maior compreensão entre o texto e o contexto”. (FREIRE, 1981, p.9).

Em uma das expedições realizadas com uma turma do curso de Pedagogia, propuz uma caminhada pelo centro histórico da cidade de Vitória/ES. A ilha de Vitória remonta as cidades beiradas pelo mar. Cercada por morros e com o desenho arquitetônico colonial, marca o ano de 1551, quando foi fundada oficialmente. Apesar das grandes transformações urbanas o centro histórico de Vitória ainda mantém seu acervo cultural com a preservação das construções e monumentos históricos.



Imagem 1. “Caminhando pela cidade”. Digital, 8,0cm X 10,67cm. Fonte: Acervo pessoal

Enquanto caminhávamos pela cidade alta³ (Imagem 1), conversávamos e observávamos tudo à nossa volta e aproveitando para apresentar a cidade àqueles estudantes, pois ainda não conheciam aquele espaço. Estávamos diante a Catedral Metropolitana de Vitória (antiga igreja Nossa Senhora da Vitória) que foi demolida por



não comportar mais o número de fiéis. O início da construção da Catedral foi em 1920 e sua conclusão em 1970. Pelo seu estilo neoclássico, sua imponência e riqueza nos detalhes arquitetônicos, foi tombada em 1984 pelo Conselho Estadual de Cultura.

Diante de uma formação que contempla demandas contemporâneas, os/as estudantes perceberam que a prática de experiências possibilita uma nova compreensão dos conteúdos que estudam. Essa constatação se deu a partir dos comentários feitos após a visita:

“Me ajudou a conhecer um pouco mais do estado onde eu moro, sendo assim, agora posso falar futuramente com meus alunos sobre a cultura daqui”.(L.M.M.G)⁴

“A contribuição para a minha formação docente sobre essa ação é de conhecer um pouco do lugar onde estou, da cultura da arte e poder levar isso para frente”.(J.P.T)⁵

“Culturalmente, pois é importante conhecer a cultura e a história de onde vivemos para trabalhar a identidade, regionalidade, entre outros aspectos em sala” (J.T.S)⁶

“É interessante quando saímos da sala de aula, onde ficamos “presos” a apenas livros, em se tratando de história, acredito que a forma de aprender, visualizando a história através de exposição de materiais é mais proveitoso, mais didático e enriquecedor”. (L.R.)⁷

Dos diversos comentários entre os estudantes, um em particular me chamou atenção quando disse que não conhecia aquela construção. Posso dizer que essa fala foi o que me motivou a continuar a investir nessas práticas. Fiquei incomodada e também provocada a investir meus estudos para pesquisar o quanto é importante para as pessoas conhecer e interagir com o meio em que vivem com pertencimento. A partir da fala desse estudante, decidi por me debruçar sobre as questões que envolvem conhecer arte a partir do lugar que vivemos, dos deslocamentos que realizamos enquanto sujeitos participantes da sociedade em que vivemos. E torná-lo objeto de pesquisa de doutoramento, em diálogo com o Ensino Fundamental.

O primeiro passo a ser dado seria através dos estudantes do curso de Pedagogia que em suas práticas diárias dialogam com estudantes do Ensino Fundamental. Ao público desse segmento pertence o ciclo mais longo da Educação Básica, que poderia se



oferecer uma educação onde a teoria possa contextualizar com fatos e realidade e com as experiências diretas no território.

“Se para a criança pequena pensar é recordar, para o adolescente recordar é pensar. Sua memória está tão ligada à lógica, que memorizar se reduz a estabelecer e encontrar relações lógicas e recordar consiste em buscar um ponto que deve ser encontrado.” (VYGOTSKY, 1998, p. 46)

O diálogo com Vygotsky (1998) se dá por entender que ao apresentar a arte aos/às estudantes pelo viés da cultura e inserindo práticas onde ele/ela as vivenciam, podemos acreditar que o que foi visto poderá ser vivificado a qualquer momento e resignificado. Isto se dá, em muitos casos, porque essas expedições são acontecimentos que geram emoções e prazer aos/às estudantes, seguindo essa direção ele nos fala:

“Nenhuma forma de comportamento é tão forte quanto aquela ligada a uma emoção. Por isso, se quisermos suscitar no aluno as formas de comportamento de que necessitamos teremos sempre de nos preocupar com que essas reações deixem um vestígio emocional nesse alunado.” (VYGOTSKY, 2001, p. 143)

Para assegurar essa reação no processo educativo do/da estudante, é preciso que tais práticas sejam bem articuladas com o assunto que está sendo estudado no momento ou que será estudado a seguir, abrindo brechas para questões não planejadas inicialmente.

“De acordo com o modelo histórico-cultural, os traços de cada ser humano estão intimamente relacionados ao aprendizado, apropriação do legado do seu grupo cultural. O comportamento e a capacidade cognitiva de um determinado indivíduo dependerão de suas experiências, de sua história educativa, que, por sua vez sempre terão relações com as características do grupo social e da época em que ele se insere. Assim, a singularidade de cada indivíduo não resulta de fatores isolados, mas da multiplicidade de influências que recaem sobre o sujeito no curso do seu desenvolvimento.” (REGO, 2002, p.50)

E a caminhada do Pedagogo/a?

“Qual seria, então, a minha formação cultural e artística enquanto pessoa e participante de determinado contexto social? Até que ponto a minha formação cultural e artística contribuiu para o meu exercício da docência sensível e criativa? As experiências culturais e artísticas



que poderiam ter sido vivenciadas por mim impulsionaram o desejo de pesquisar a presença da arte na formação continuada de futuros pedagogos.” (BONCI, 2018, p.20)

Essas talvez sejam algumas das muitas indagações feitas pelos futuros/as pedagogos/as, enquanto estão na graduação. O que apresentar aos pequenos na disciplina de Arte? Professores que muitas vezes trazem em suas bagagens reproduções de um ensino da arte mecânico e cristalizado pautados em antigas convicções onde o sentimento, a expressividade, a criatividade se mantem inatas.

O papel que a arte desempenha na pedagogia é fundamental por oportunizar para uma experiência estética significativa e enriquecedora. Se analisarmos pelo viés da arte e cultura potencializaremos para que o futuro pedagogo/a exerça práticas sensíveis, criativas e interdisciplinares.

BARBOSA, 2021, P.203, diz que excluir o popular é apresentar um conceito classista de Arte, da mesma maneira que é sexista um professor que apresente apenas obras de artistas homens aos/às seus/suas alunos/as, pois está implicitamente dizendo a eles que o bom artista é sempre o homem. Seu olhar destaca a importância em aproximar as manifestações artísticas e culturais, além de garantir a abordagem interdisciplinar das questões de gênero, quando se apresenta somente imagens de artistas masculinos – tema tão discutido atualmente.

Ao associar essas reflexões às insuficientes práticas da visita aos espaços e bens culturais por crianças e jovens, podemos defender uma política de formação que garanta ao graduando/a o acesso e a vivência às mais variadas formas de expressão artísticas e culturais, espaços artísticos e naturais, através da disciplina de Arte.

Para ilustrar essa fala, destaco uma visita realizada ao Instituto Terra⁸, ofertada aos/as estudantes do curso de Pedagogia com o objetivo de potencializar e provocar nos alunos diferentes olhares acerca da disciplina. Caminhar pelo Instituto Terra nos proporcionou uma experiência única, repleta de sentidos, significados e sensações que nos leva a refletir sobre as muitas possibilidades de práticas em sala de aula.

Nosso primeiro momento no Instituto já nos fascina por estarmos diante de uma grande exposição de Sebastião Salgado: proprietário do Instituto. Ali já podemos apreciar obras de várias séries produzidas pelo fotógrafo, que traz em sua temática questões ambientais em diversos contextos.

Em meio à beleza da natureza, organizada após um notável projeto ambiental, cria um ambiente harmonioso e acolhedor através do colorido das flores, das linhas paralelas vistas a partir dos troncos de imensas árvores, plantadas com objetivo de preservação. Ao caminhar pelo Instituto temos a oportunidade de interagir com diversos elementos produzidos pela natureza como cachoeiras e lagos, produzindo uma experiência sensorialmente estimulante.

Encontramos também um museu arqueológico onde estão guardados restos da etnia indígena brasileira botocudos – também conhecidos por Aimorés (nome dado à cidade) – que viveram na região do Vale do Rio Doce durante os séculos XVI e XVII.



Imagem 2. “Conhecendo nossa história” – Instituto terra. Digital, 8,28cm X 11,03cm. Arquivo pessoal

Diante da breve narrativa da visita, evidenciamos a necessidade de trabalhar a interdisciplinaridade, por disponibilizar em um único espaço uma gama de elementos que podem ser observados e compreendidos pelo viés da Arte. O conhecimento interdisciplinar se faz fundamental quando nossas proposições não vão ao encontro a um ensino compartimentado.



“[...] a escola deve trabalhar os conceitos de arte pensando num ensino contextualizado, buscando informações e produções artístico culturais da realidade do aluno contribuindo, assim, para que essas atividades sejam inseridas no seu cotidiano e tornem o aprendizado mais motivador.” (CALDAS, HOLZER, POPI. 2017, p. 164)

Enquanto o/a estudante percorre os espaços culturais ele/a desenvolve sua capacidade crítica e criativa e desenvolve seu olhar estético e estésico, despertando para o conhecimento artístico, contextualizado e contemporâneo.

E na sala de aula..

Os debates sobre a formação de professores são sempre tema presente nos meios acadêmicos e também no cotidiano escolar. Por ser um tema que abarca a população infanto juvenil e que reflete nas discussões sobre educação. É um dos direitos previstos em lei e que todos tem o direito de acesso, portanto, é um assunto presente nos mais diferentes níveis da sociedade provocando também uma espécie de observatório entre os cidadãos.

As constantes mudanças que ocorrem na sociedade fazem com que a educação caminhe nessa perspectiva, ou seja, enfrentando os constantes desafios que são postos para que enquanto professores/as possamos contribuir na formação desses sujeitos que chegam até nós trazendo em sua bagagem significações, criticidades que conhecem a partir desse constante movimento do mundo.

No que diz respeito ao ensino da arte na Pedagogia, a Resolução CNE/CP Nº 1, de 15 de maio de 2006, institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia (licenciatura), estruturando o currículo para o acesso dos graduandos/as à disciplina de Arte. Com essa conquista, o futuro professor/pedagogo terá acesso às fundamentações teóricas do ensino da arte, podendo assim orientar os processos criativos e expressivos do alunos em “um exercício docente sensível, inventivo, crítico e interdisciplinar” (LOMBARDI; MARTINS. 2021, p. 210).

Em consonância com Nogueira, 2018, p. 27, instigaremos para que os futuros professores vivenciem em sua prática docente um processo de ampliação de referências estéticas que provoquem a reflexão ao mesmo tempo em que atormentam



os sentidos e alimentam tanto o cérebro quanto a alma a partir do contato com a obra de arte. Ao nos referirmos a “obra de arte”, ampliaremos nosso olhar sensível e estético para outros espaços, para manifestações culturais, para o patrimônio histórico, para os bens tombados, dentre outros elementos que nos motivam a conhecer e investigar.

O entendimento acerca dos sentidos e significados em relação ao ensino da Arte que os futuros professores precisam ter acesso se dá muitas vezes quando eles se vêem como agentes de mudança e que podem atuar em espaços diversificados além da sala de aula, possibilitando uma ampliação de referenciais e de visões de mundo, no sentido de garantir ao professor não só seu direito de fruir o patrimônio cultural desenvolvido pela humanidade há séculos como o de seus alunos de serem apresentados a ele (Nogueira, 2018, p.28).

“Cuidar atentamente da qualidade dos encontros tem sido meta, cada vez mais, das instituições culturais, artísticas, científicas, educacionais... Encontros com diferentes realidades que podem a princípio parecer distantes, externas e estranhas. Encontros que exigem atitudes pedagógicas que podem reforçar e instigar a construção de significações.” (MARTINS, 2012, p. 13)

Como se pode ver, existe uma preocupação também por parte do sistema, que investe para que o público tenha acesso a ricas experiências que possibilitam ampliar seu referencial humano e cultural. T tamanha relevância do tema, que hoje pesquisadores discutem fazendo abordagens específicas e direcionadas, como por exemplo na infância onde entendem que existe necessidade em oferecer ao futuro professor experiências estéticas contemporâneas para interagir com esse público.

“[...] foi preciso viajar com nossos olhos e pés para entendermos que a nossa formação cultural está relacionada com a nossa prática pedagógica” (GERHEIN, 2013, p. 128) apud Nogueira, 2018, p. 30”. A fala desse pesquisador traduz nossa inquietação em oferecer aos/às estudantes da Pedagogia a oportunidade em vivenciar experiências compreendidas em espaços e lugares diversificados.

Os deslocamentos provocados pelas caminhadas que fazemos em nossas cidades nos levam a refletir e observar cada detalhe que outrora não foi notado. Isso porque



caminhamos por esses espaços e conectamos nossos sentidos no que há ao nosso redor. Podemos ouvir sons que antes não ouvíamos, podemos ver determinadas construções que nos aproximam da nossa infância. Podemos observar a diversidade e ao mesmo tempo nos deixar levar por uma sensação que vai além do nosso corpo e que interage com aquele lugar.

Conhecer a partir de diferentes vivências e contextos contribui para que nossa bagagem cultural seja ampliada, bem como nossa compreensão de cultura. Entendo que quando o pesquisador se refere a “nossos olhos e pés”, ele traz o sentido da prática que nos proporciona a experimentar e interagir com diferentes culturas, tradições e modos de vida. Entender a relação entre cultura e prática pedagógica em arte nos qualifica a pensar em um ensino aprendizagem que contempla a produção de sentidos e significados no meio sociocultural em que esse futuro professor está inserido.

Referências

BARBOSA, Ana Mae. Arte na Pedagogia. 203 *Revista GEARTE*, Porto Alegre, v. 8, n. 2, p. 200-209, maio/ago. 2021. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/gearte>. Acesso em_27/06/203.

BENJAMIN, W. **Obras Escolhidas II**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993

DRAGO, R.; RODRIGUES, P. da S. **Contribuições de Vygotsky para o desenvolvimento da criança no processo educativo: algumas reflexões**. Revista FACEVV, Vila Velha, n. 3, jul./dez. 2009.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

NUNES, E. de O. **Resolução CNE/CP nº 1**. Conselho Nacional de Educação. Conselho pleno. Resoluções CP 2006. Brasília/DF, 2006.

LOMBARDI, Lucia Maria Salgado dos Santos; MARTINS, Mirian Celeste. **Arte na Pedagogia: processos educativos de poetizar, fruir e conhecer arte. As surpresas do poetizar, fruir e conhecer arte**. 210 *Revista GEARTE*, Porto Alegre, v. 8, n. 2, p. 210-225, maio/ago. 2021. <http://dx.doi.org/10.22456/2357-9854.117499>



NOGUEIRA, Monique A. **Formação de educadores: modos de pensar e provocar encontros com a arte e mediação cultural / Mirian Celeste Martins, Estela Bonci, Daniel Momoli (Orgs.).** – São Paulo: Terracota Editora, 2018.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias.** Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 27, n. 53, p. 11-23, 2007.

REGO, Teresa C. **Configurações sociais e singularidades: o impacto da escola na constituição dos sujeitos.** In: OLIVEIRA, M. K. de; SOUZA, D. T. R.; REGO, T. C. (Orgs.). Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea. São Paulo: Moderna, 2002.

VYGOTSKY, Lev S. **O desenvolvimento psicológico na infância.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. Psicologia pedagógica. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Notas

³ Nome dado ao Centro de Vitória, pois foi lá que tudo começou: era um lugar estratégico para que os portugueses conseguissem se defender e, por consequência, a nova vila, de possíveis invasões. <https://www.vitoria.es.gov.br/>

⁴ Estudante do Curso de Pedagogia

⁵ Estudante do Curso de Pedagogia

⁶ Estudante do Curso de Pedagogia

⁷ Estudante do Curso de Pedagogia

⁸ O Instituto Terra é uma organização civil sem fins lucrativos fundada em abril de 1998, que atua na região do Vale do Rio Doce, entre os Estados de Minas Gerais e Espírito Santo. Trata-se de uma região do Brasil que vivencia as consequências do desmatamento e do uso desordenado dos recursos naturais como a seca, a erosão do solo e a falta de condições para o homem do campo viver e prosperar. <https://institutoterra.org>